

CINEMA PARA CRIANÇAS: TELAS QUE TRANSFORMAM

LUIZA LINS É UM DOS GRANDES NOMES da difusão do cinema infantil brasileiro. A catarinense já foi atriz, dubladora, apresentadora de telejornal, produtora de filmes, curadora e organizadora de mostras e encontros audiovisuais. Desde 2002, realiza a Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis (SC), que comemora 16 anos e se aprimora a cada edição, encantando crianças, pais e profissionais do setor.

Primeiro evento audiovisual no Brasil voltado exclusivamente para o público infantil, a Mostra visa aproximar as crianças do cinema nacional, formando gerações críticas e conhecedoras da cultura do seu país, promovendo diversidade e inclusão social em cada uma das suas sessões e encontros.

A Mostra é uma das importantes ações impulsionadoras do cinema infantil nacional que, mesmo a passos lentos, se expandiu e se fortaleceu. Luiza Lins, diretora-geral da Mostra, conta como foram essa trajetória e essas transformações, fala sobre os principais desafios e os projetos futuros.

FILMECULTURA Qual foi o cenário em que surgiu a ideia de criar a Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis? Como foram sua aceitação e crescimento?

LUIZA LINS A Mostra surgiu em 2002 e foi o primeiro evento cinematográfico a acontecer no país, acrescido de debates e atividades ligadas ao cinema voltado exclusivamente para o público infantil. Na época, o número de cinemas em Florianópolis era bem limitado, e a programação cultural para crianças praticamente inexistente. Nossa proposta foi oferecer uma alternativa ao que era imposto pela televisão e pelo mercado, dominado exclusivamente pelo cinema americano comercial. Acreditávamos – e continuamos acreditando – que as crianças brasileiras precisam ver a diversidade da nossa cultura nas telas, precisam se reconhecer nas imagens, se sentir incluídas. Sempre acreditamos que o contato com o cinema, e com a arte, pode ser transformador, além de um poderoso instrumento de educação, de valorização da identidade nacional e de apresentação e promoção das diferenças. Entendemos que a diversidade é fundamental para a formação da consciência e, conseqüentemente, da

POR LUCIANA RODRIGUES*



Foto: divulgação

cidadania. Deve-se pensar o cinema como formador cultural. Uma criança que vê na tela a cinematografia de seu próprio país e de muitos outros verá o mundo sob óticas variadas.

É preciso abrir as portas do cinema para grupos ainda marginalizados do processo cultural. Há crianças que nunca assistiram a uma sessão e não têm a menor ideia do quão fascinante e enriquecedor é frequentar um espaço cultural. Por isso, a Mostra reserva, prioritariamente, sessões e outras atividades para escolas públicas e projetos especiais da cidade de Florianópolis, além de atender ao público de modo geral. Toda a programação é gratuita!

Quais foram e quais são os principais desafios da Mostra atualmente?

Quando o evento foi idealizado, a grande preocupação foi a de quais filmes exhibir. Queríamos mostrar a diversidade cultural nacional e mundial. Mas, infelizmente, a produção nacional para crianças era muito pequena. Segundo a dissertação de mestrado do escritor e jornalista João Batista Melo, do Instituto de Artes da Unicamp, de 1908 até 2002 foram produzidos 3.415 longas-metragens brasileiros, mas apenas 2% (cerca de 70 filmes) eram destinados ao público infantil. Percebemos que deveríamos fazer mais do que somente exhibir filmes para crianças e resolvemos iniciar, já na primeira edição, encontros e debates para tentar chamar a atenção para esta questão.

Uma estratégia que usamos também foi a de contar a história do cinema infantil para meninos e meninas no país; assim, começamos a exhibir os primeiros filmes produzidos no Brasil para crianças. A cada edição, exibimos e restauramos alguns clássicos do cinema infantil nacional, como *O saci*, de Rodolfo Nanni, baseado na obra de Monteiro Lobato, rodado no Brasil em 1956; *Pluft o fantasma*, de Romain Lesage, da obra de Maria Clara Machado; *Sinfonia amazônica*, de Anélio Latini Filho; entre outros.

O Encontro Nacional de Cinema Infantil, que acontece anualmente desde 2002, surgiu para pensar estratégias de desenvolvimento do cinema para crianças no país.

Com estas estratégias e outras ações desenvolvidas por pessoas que há anos vêm lutando pelo desenvolvimento do audiovisual para crianças, o cinema infantil nacional aos poucos começou a crescer. Em 2003, o Ministério da Cultura lançou o Curta Criança, edital de curtas voltados para o público infantil. Editais de animação também surgiram e muito do que se vê agora de audiovisual para esse público é fruto dessas iniciativas.

Assim, nossa programação de filmes brasileiros começou a ganhar forma e iniciamos sessões com várias produções, chamadas Curtas Brasil. Começamos também uma Mostra Competitiva Nacional de Curtas-Metragens, com prêmios em dinheiro, em uma parceria com a TV Brasil.

Em relação aos longas-metragens, infelizmente, a situação não mudou muito. Após 16 anos de muita conversa e encontro, a porcentagem em relação à produção nacional ainda é muito baixa: 4%, segundo o autor da pesquisa anterior. É importante que o Ministério da Cultura, os estados e os municípios priorizem este público nos seus editais e promovam políticas para o setor.

Quais são as principais especificidades da organização de um evento audiovisual voltado para o público infantil?

Um evento voltado para crianças tem de ser idealizado com muito profissionalismo e seriedade. Percebemos que existe um certo preconceito em tudo o que se refere à infância. Por isso, a Mostra fez questão, desde a primeira edição, de fazer o melhor possível em todos os detalhes: o hotel onde os convidados ficam hospedados, os ônibus que transportam as crianças, a exibição, a qualidade do som, o local do evento. Tudo é pensado para ter uma qualidade rara: o atendimento dado às crianças, às famílias e aos professores, até a pipoca servida quentinha depois da sessão.

Outra questão importante é o agendamento das sessões para as escolas, que acontecem durante a semana. Temos uma equipe especializada que faz este contato. Nas sessões do final de semana, quando as famílias frequentam a Mostra, temos monitores que ajudam as crianças e seus familiares a aproveitarem toda a programação que, além de cinema, é composta por biblioteca, videoteca, oficinas e apresentações culturais.

Achamos importante também promover bate-papos dos realizadores dos filmes com a plateia, pois isso ajuda as crianças a ampliarem o seu conhecimento sobre o filme, sobre cinema e sobre o mundo.

efetiva para o audiovisual infantil. Precisamos produzir, e produzir cada vez melhor, para as crianças.

Como se dá a parceria da Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis com os cineclubes? Há algum apoio para que as obras continuem sendo exibidas após o festival?

Desde as primeiras edições, recebíamos muitos pedidos de todo o Brasil solicitando os filmes da Mostra. Sempre tentávamos responder às solicitações, mesmo que de maneira pontual. Quando a Mostra fez 10 anos, tivemos coragem para começar um projeto que fez muito sucesso. Produzimos uma caixa contendo três DVDs, com 11 filmes em cada, e distribuímos

Queremos que todas as crianças se vejam nas telas, e que se vejam de maneira positiva. Filmes com protagonistas negros, que combatam os estereótipos de gênero, que apresentem famílias homoafetivas.

Como é o espaço dos festivais e da distribuição de filmes infantis hoje no Brasil, para além da Mostra de Florianópolis? Tem havido um crescimento ao longo dos anos?

Existem hoje no Brasil somente dois festivais exclusivos para crianças, a Mostra de Florianópolis e o Festival Internacional de Cinema Infantil (FICI). Mas tem programação para crianças em vários festivais. O público infantil é carente de programação e por causa disso normalmente lota estas sessões. Mas a distribuição ainda é uma questão complexa. É curioso pensar que os filmes para crianças são os que normalmente atraem as maiores bilheterias mundiais e aqui pouca atenção é dada ao segmento. Na verdade, a produção de longas-metragens nacionais é ínfima. Teríamos que aumentar drasticamente os incentivos para este público para possibilitar o desenvolvimento da produção e, a partir daí, pensar na distribuição. Lançar dois ou três filmes nacionais por ano não permite ter uma estratégia mais

em Santa Catarina e para projetos no país. Fizemos uma parceria com o Conselho Nacional de Cineclubes (CNC) para distribuição pelos cineclubes. A partir daí, a cada Mostra produzimos um DVD com os filmes vencedores e preferidos pelas crianças e distribuímos para quem nos pede, em todo o território nacional e mais de 140 municípios catarinenses. Fizemos uma parceria com a Federação Catarinense de Municípios para capacitação e distribuição desses DVDs. Também criamos um canal infantil na internet, no site www.filmesquevoam.com.br, para disponibilizar os filmes para todo o país.

A Mostra utiliza recursos de acessibilidade? Como foi pensado esse projeto e como está sendo a sua recepção?

A partir da 9ª edição, começamos a incluir na programação sessões com audiodescrição e Libras. Este é um público que ainda não circula muito pelos festi-

vais e, por isso, em um primeiro momento, tivemos até que trazê-los para a Mostra. Infelizmente, é um projeto que pede um orçamento alto e nem sempre conseguimos realizá-lo da maneira que gostaríamos. Para 2017, estamos estudando como fazer para ter uma boa exibição com acessibilidade sem tantos custos e com mais pessoas na plateia. Os DVDs que produzimos com os melhores filmes de cada ano têm versões com audiodescrição e Libras e, no nosso canal na internet, todos os filmes estão disponíveis com recursos de acessibilidade também.

Como é ser curadora e júri de obras infantis? O que você costuma procurar nos filmes?

Anualmente recebemos em torno de 150 a 200 produções para a Mostra Competitiva de Curtas-Metragens. É um número pequeno e, além disso, muitas produções não são para crianças ou têm uma qualidade ruim de produção ou conteúdo. Somos rigorosos na seleção.

A curadoria seleciona filmes e vídeos de qualidade técnica e artística, com conteúdo próprio para o público infantil (de acordo com a classificação indicativa do Ministério da Justiça), que tenham caráter lúdico ou educativo. Dependendo do tema abordado, podemos selecionar algum filme mesmo que não tenha muita qualidade técnica, pois acreditamos que, de alguma forma, é importante pelas questões tratadas.

Cuidamos para que o leque de filmes de cada ano traga a pluralidade da nossa sociedade e que aborde temas relevantes, como, por exemplo, questões de gênero, raça, diversidade sexual, constituição familiar e o fim de preconceitos. Queremos que todas as crianças se vejam nas telas, e que se vejam de maneira positiva. Filmes com protagonistas negros, que combatam os estereótipos de gênero, que apresentem famílias homoafetivas etc. As crianças não nascem com preconceitos. Por isso a importância da criança assistir a filmes que mostrem estas situações com naturalidade, para que continue com a mente e o coração abertos.

É possível fazer uma avaliação da participação das mulheres na Mostra? Existem muitos filmes de diretoras? Existem mulheres nos júris e nos debates?

No Brasil ainda existe uma realidade na qual são as mulheres que tratam de todas as questões relacionadas às crianças. A maioria dos professores são mulheres, são elas que estão relacionadas com o cuidar. Em relação à produção de filmes, acho que temos uma proporcionalidade maior entre os gêneros. E buscamos esta igualdade em relação aos jurados e debatedores também. Mas a nossa equipe é formada por 80% de mulheres!

Como você avalia a representatividade de meninas nos filmes? Tem aumentado o número de protagonistas femininas? De que forma esses filmes as retratam?

Quem produz para crianças, normalmente, tem um cuidado maior com o conteúdo dos seus filmes. O debate atual de igualdade de gêneros é visto nos filmes que estão chegando. Todos estão mais conscientes de que é preciso mudar a realidade atual e, por isso, vemos meninas protagonistas nos filmes. Vejo os realizadores se esforçando para se atualizarem e reproduzirem nas telas um novo modelo de sociedade. Mas ainda precisamos de mais incentivos para filmes infantis, principalmente para os realizadores negros, para que possam expressar a força da cultura afrodescendente para todas as crianças e que, principalmente, as crianças negras se vejam representadas.

O que o público pode esperar da 16ª edição da Mostra, que acontecerá em julho deste ano?

Estamos na fase de seleção dos curtas-metragens para a Mostra Competitiva. A partir daí, a programação começa a ganhar forma. Mas já temos alguns longas nacionais e internacionais confirmados. Vamos oferecer para os realizadores do Sul do país uma oficina de roteiro para filmes para crianças e, para os professores, uma capacitação sobre cultura afrodescendente. A programação geral para as crianças ainda é segredo.



Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis

Como foi a sua participação no Edital Curta Criança do Ministério da Cultura, do qual foi vencedora duas vezes (*O mistério do boi de mamão*, em 2006, e *Campeonato de pesca*, em 2009)? Você acredita no estímulo do cinema infantil por meio de editais?

Os editais são fundamentais para alavancar essa produção. O fato de eu ter vencido estas seleções e realizado dois filmes aqui em Santa Catarina estimulou os realizadores a produzirem para este público. Tenho um carinho especial, aliás, pelo Curta Criança, que estimula todas as regiões a produzirem. O curta é importante para as escolas porque cabe em uma aula. Principalmente agora que se está pensando na regulamentação da Lei nº 13.006/2014, que trata da obrigatoriedade de duas horas mensais de cinema brasileiro nas escolas. Este edital precisa continuar.

Quais são seus projetos atuais, para além da Mostra de Cinema Infantil?

A Mostra foi crescendo e dando filhotes. Minha vida gira em torno do cinema para crianças e acabo sempre

inventando outros projetos neste tema. Até para que a Mostra aconteça, é importante que eu me movimente bastante nesta área.

Realizamos, há oito anos, o Circuito de Cinema Infantil, que a cada ano cresce e já chegou a mais de 140 municípios catarinenses. Começamos a levar os DVDs com os melhores filmes da Mostra para outros estados. Realizamos um Cineclubes Infantil, no último sábado de cada mês, no Cinema da Fundação Catarinense de Cultura, e estou com um projeto de longa-metragem para crianças em fase de elaboração do roteiro. Adoro produzir filmes para crianças, fazer a Mostra de Cinema Infantil, dar palestras sobre o tema e curadoria para festivais... Esta é a minha vida e, além de tudo, estar perto das crianças me faz bem.

*** LUCIANA RODRIGUES** é formada em Audiovisual pela Universidade de Brasília (UnB), servidora do Ministério da Cultura e membro da Comissão Editorial da Filme Cultura 62.